



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

Manoel Joaquim da Silva Neto

**Agroecologia, movimento de transformação e transição de práticas:**  
Princípios agroecológicos para além da produção.

Recife, PE  
2024

Manoel Joaquim da Silva Neto

**Agroecologia, movimento de transformação e transição de práticas**

Princípios agroecológicos para além da produção

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de [Bacharel em Agroecologia

Orientador(a): Prof. Dr. José Nunes da Silva

Recife/PE.

2024

Dados Internacionais de Catalogação na  
Publicação Universidade Federal Rural de  
Pernambuco Sistema Integrado de  
Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

---

N469a      Neto, Manoel Joaquim da Silva  
                 Agroecologia, movimento de transformação e transição de práticas : Princípios  
                 agroecológicos para além da produção / Manoel Joaquim da Silva Neto. - 2024.  
                 55 f.

                 Orientadora: Jose  
                 Nunes da .Inclui  
                 referências.

                 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de  
                 Pernambuco, Bacharelado em Agroecologia, Recife, 2024.

                 1. Sem-Terra . 2. Reforma Agrária. 3. Cooperativismo. I. , Jose Nunes da, orient. II. Título

CDD 630.2745

---

Manoel Joaquim da Silva Neto

**Título: Agroecologia, movimento de transformação e transição de práticas :**  
Princípios agroecológicos para além da produção.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 07 de março de 2024.

Coordenação do Curso:

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Virginia de Almeida Aguiar

**Banca examinadora**

Prof. Dr. José Nunes da Silva  
Orientador/BACEP-UFRPE.

Prof. Dr. Walter Santos Evangelista Júnior  
BACEP-UFRPE

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Horasa Maria Lima da Silva Andrade  
BACEP-UFRPE

Recife/PE, 2024.

## DEDICATÓRIA

Ao meu Pai Severino (*in memoriam*) que com seu jeito, me amou e me ensinou de forma tão singela a amar a terra. À minha, mãe que sempre foi meu porto seguro nos momentos mais importantes da minha trajetória

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me fazer acreditar que eu seria capaz quando plantou esperança no meu coração e que sempre me deu força e discernimento para concluir essa etapa.

Aos meus filhos e filha, Benjamin, Miguel e Rosana que me ensinam a ser uma pessoa mais amorosa e dedicada, que alimentam em mim a coragem capaz de superar qualquer obstáculo.

Ao meu Orientador José Nunes, que mesmo dentro das minhas limitações, incluindo o papel da paternidade, nunca deixou desanimar com o nosso trabalho.

Isabela Ferreira, mãe de Benjamin e companheira nas horas difíceis, pelo apoio e por segurar a barra nos momentos mais frustrantes.

Aos meus companheiros e companheiras de curso que, de forma direta e indireta, ajudaram a conquistar essa etapa, em especial Benoni Codácio, João Pedro, Soraya, Ana Sabrina e Tatiane Faustino, pelas muitas conversas acolhedoras.

A todos os meus professores e professoras e servidores do DED - Departamento de Educação da UFRPE que contribuíram com todo o conhecimento necessário.

A Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra pelo espaço de construção de muitos conhecimentos, pelas muitas referências sobre agroecologia.

A SEDRAF (Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural e da Agricultura Familiar do Rio Grande do Norte), pelo apoio e confiança, disponibilizando, por várias vezes, transporte para continuidade do curso.

A minha família, minha mãe Eunice, meu Pai Severino, meus irmãos e irmãs, Beatriz, Francisco, Leoneide, Magno, Roneide e Wellington que conhecem minha luta até aqui, meus primos, primas, tios e tias.

A família de Isabela Ferreira, sua mãe, Maria José, sua irmã Marília e seu padrasto Evandro pelo apoio, suporte por cuidar de Benjamin nos momentos em que me encontrava na imersão da universidade.

## RESUMO

Considerando a multidimensionalidade da agroecologia (dimensão política, pedagógica, produtiva e social), na perspectiva da construção do conhecimento a partir dos territórios, acampamentos, assentamentos, comunidades quilombolas e periferias, apresento esse trabalho, em forma de memorial, para descrever minha trajetória no Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Ele está organizado em três partes, mais as considerações finais. Na primeira parte falo sobre mim, minhas origens até a chegada de um homem negro, filho de camponês sem-terra, militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST), na universidade pública, num curso de graduação. Em seguida, na segunda parte desse memorial, descrevo os principais aprendizados e desafios vivenciados ao longo desses quatro anos, em que estudamos os eixos estruturadores do curso: Conhecer, diagnosticar e planejar, agir; e avaliar e sistematizar no etnoagroecossistema. Na terceira parte aprofundo temas específicos, buscando vincular a agroecologia com a reforma agrária e o associativismo/cooperativismo. Estas escolhas se deram pela minha vivência militante em assentamentos e acampamentos do MST, mas também pelos estágios vivenciados ao longo do curso. Por fim trago considerações finais, enfatizando o meu papel como agroecólogo no mundo, destacando potencialidades e limitações para minha atuação futura. Para redigir esse memorial revisei anotações feitas ao longo do curso, no estudo de diferentes temáticas, relatórios de imersões territoriais e de semestre, bem como aqueles dos Estágios Supervisionados Obrigatórios (ESOs). Aqui há um resgate da memória de um profissional esperançoso, que acredita na agroecologia, reforma agrária e cooperativismo para transformar o mundo.

**Palavras-chave:** Sem-terra; Reforma Agrária, Cooperativismo.

## **ABSTRACT**

Considering the multidimensionality of agroecology (political, pedagogical, productive and social dimensions), from the perspective of building knowledge from territories, camps, settlements, quilombola communities and peripheries, I present this work, in the form of a memorial, to describe my trajectory in Bachelor's degree in Agroecology from the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE). It is organized into three parts, plus final considerations. In the first part I talk about myself, my origins until the arrival of a black man, son of a landless peasant, militant of the Landless Rural Workers Movement (MST), at the public university, on an undergraduate course. Then, in the second part of this memorial, I describe the main learnings and challenges experienced over these four years, in which we studied the structuring axes of the course: Knowing, diagnosing and planning, acting; and evaluate and systematize in the ethnoagroecosystem. In the third part I delve deeper into specific themes, seeking to link agroecology with agrarian reform and associations/cooperativism. These choices were made due to my militant experience in MST settlements and camps, but also due to the internships experienced throughout the course. Finally, I bring final considerations, emphasizing my role as an agroecologist in the world, highlighting potentialities and limitations for my future work. To write this memorial, I reviewed notes made throughout the course, in the study of different themes, territorial and semester immersion reports, as well as those from the Mandatory Supervised Internships (ESOs). Here there is a recovery of the memory of a hopeful professional, who believes in agroecology, agrarian reform and cooperativism to transform the world.

Keywords: Landless; Agrarian Reform, Cooperativism.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Visita ao Assentamento Amaraji	8
Figura 2 – Visita ao Assentamento Amaraji	19
Figura 3 – Colônia de Pescadores	20
Figura 4 - Colônia de Pescadores - Tamandaré PE	21
Figura 5 - Visita a comunidade Engenho Conceição, Rio Formoso PE	24
Figura 6 - Sítio Agatha, Tracunhaém PE	28
Figura 7- Sede do Leão Misterioso, Tracunhaém PE	30
Figura 8 - Xangô Ateliê Val Andrade, Tracunhaém PE	32
Figura 9 -Sítio Malukambo, Tracunhaém PE	33

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
CPT	Comissão Pastoral da Terra
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PNRA	Programa Nacional de Reforma Agrária
CPT	Comissão Pastoral da Terra
Centro Sabiá	Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá
CEBES	Comunidade Eclesial de Bases

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>DESENVOLVIMENTO</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>53</b>
<b>4</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Deixe-me dizer-lhe, correndo o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor.*

*Che Guevara*

Sou Manoel Joaquim, cresci trabalhando na terra com meus pais e irmãos, sempre me senti íntimo da natureza, tinha um hábito maluco de falar com as plantas quando criança, nunca fui de atiradeira, gostava de acordar ouvindo os pássaros. A casa de mãe era sempre aquele local que reúne a molecada toda da rua. Cresci na comunidade rural de Riacho do Sangue, Macaíba RN, que por sinal deveria ser registrada como comunidade quilombola pelas histórias que transcendem do passado, os mais velhos contam que o nome Riacho do Sangue se deu porque os negro fugidos eram sangrados e mortos na margem do Rio Jundiá que corta a comunidade, seus corpos eram lançados nas águas e ficava aquele riacho de sangue, que por vezes chegava nas janelas do casarão do dono do engenho e assim ele sabia que mais um negro fugido tinha morrido por lhe desobedecer.

Em 2002 ouvimos os boatos que estava se organizando um acampamento ali próximo, o MST que estava organizando, meu pai ficou animado, mainha não deu muito “cartaz”, porém acabamos convencidos pelo meu pai a se acampar por lá. Em 2003 conseguimos a terra através do projeto de reforma legalizado através do INCRA, e estamos nós, até hoje. Sou o segundo filho de Maria Eunice da Silva e Severino Manoel da Silva, Neto de Maria Henrique, e José Custódio, avós maternos, e Manoel Joaquim e Maria Nila, avós paternos. Camponês sem-terra, pai da Rosana, do Miguel e do Benjamin. Um homem preto, experimentador da poesia, curioso da música, da cultura e amante da arte. Um ser apaixonado pela natureza, pela terra e suas muitas diversidades de plantas, animais e insetos. Falando da minha trajetória até o Curso Bacharelado em Agroecologia Campesinato e Educação Popular ela se inicia em 2018, em uma roda de conversas com outros militantes do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST), em um curso no centro de formação do estado. Lembro que alguém falava sobre um panfleto digital do curso em uma reunião e pedi para lê e que me enviasse o cronograma. Comecei a ler algumas propostas que existiam ali e fiquei pensando: como assim? Que curso é esse, que eu quero fazer! Logo no mês seguinte comecei a trabalhar em outra cidade do estado,

mas fique sempre atento quando abrisse edital, tendo em vista que além daquilo tudo que o curso ofertava, a organização curricular no regime de alternância, prendeu minha atenção em relação a proposta do curso. Nessa perspectiva consegui conciliar as atividades da militância e, passados alguns meses, abriu o edital. Sem pensar juntei os documentos necessários, declaração de assentados dos meus pais, declaração do movimento e me inscrevi, animado e confiante. Passaram alguns dias após inscrição e recebi uma ligação da Professora Joanna Lessa me perguntado se eu não iria fazer a matrícula, eu estava habilitado a fazer o curso, quanta empolgação! No dia seguinte, bem cedo, estava na universidade para me matricular, cheio de curiosidade e animação. Lembro exatamente a sensação daquele dia, a felicidade de voltar para casa matriculado num curso que sonhei tanto. Alguns meses passaram, estávamos num grupo de WhatsApp, e algum tempo depois iniciaria as aulas. Lembro bem daquele dia, ao chegar na sala, quanta gente diferente, um moço com violão, sotaques diferentes, todos animados e tímidos ao mesmo tempo, quantas/os professoras/es, nunca havia visto isso.

Iniciada a jornada, fomos vivenciando cada um dos eixos formativos, orientadores de cada semestre. Assim, o presente trabalho, em formato de memorial, resgata um conjunto de atividades e aprendizados, construídos nas imersões, vivências universidade e vivências realidade-campo, além de muitas atividades complementares realizadas ao longo desses quatro anos.

Ele foi elaborado a partir das releituras dos relatórios escritos a cada imersão, os textos e aprendizados descritos nos relatórios e está organizado no formato de memorial.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Esse memorial tem como objetivo descrever sobre os processos educativos vivenciados durante os quatro anos de curso e sua organização metodológica se deu a princípio sobre as releituras dos registros e relatórios vivenciados ao longo desse percurso. No primeiro semestre o Eixo Orientador é **Conhecer o Etnoagroecossistema** e trouxe como temáticas: abordagem sistêmica da Vida; Agroecologia; Ecossistemas; relação ciência, construção do conhecimento natureza; educação popular e cultura; campesinato, modo de vida e agricultura; solo; movimentos sociais e questão agrária. Nessa imersão se deu buscando conhecer as formas de exploração da natureza na região da Mata Sul de Pernambuco. Nesse

período, podemos dizer que aprendemos o sentido das lentes sociais, quando devemos ampliar, quando diminuir. Começamos durante a viagem, observando as formas de vegetação através das janelas do ônibus, foi possível enxergar a dimensão do monocultivo da cana se alastrando de forma avassaladora diante das matas, comunidades, rios e morros. Podemos identificar também as formas de relevo de cada região, os modos como a natureza se comportam, se organiza. À medida que fomos ampliando e conseqüentemente chegando mais próximos às diversas realidades camponesas e urbanas que iríamos conhecendo, íamos entendendo as dinâmicas de trabalho de cada camponês/a, pescador/a ou agricultor/a urbano/a. Nossa primeira parada foi no Assentamento Amaraji, conhecemos Dona Josilda, mulher preta, produtora, camponesa. Ela dá conta de organizar o SAF - Sistema Agroflorestal junto com sua filha Mariana, e ela tem mais dois filhos que não moram na parcela. Ela nos leva para conhecer parte de sua parcela, nos apresenta sua produção, suas criações. O assentamento é a antiga usina de produção de cana-de-açúcar, que foi cedida para os/as trabalhadores/as pelo acúmulo de dívidas e regulamentado pelo INCRA como processo de reforma agrária. Na parcela de Dona Josilda é possível verificar uma grande diversidade produtiva, que vai de leguminosas à criação de abelhas.

Figura 1 - Visita ao Assentamento Amaraji



Fonte: Acervo – Bacep.

Figura 2 - Visita ao Assentamento Amaraji



Fonte: Acervo - Bacep

Na segunda visita, no período da tarde, fomos à comunidade Quilombola do Engenho Siqueira, em Rio Formoso/ PE. Fomos recepcionados por Gilmar e Cristiane, ela é produtora e beneficia pimentas para comercializar. O quilombo é também um espaço turístico e produtor de filé de aratu que é uma das atrações turísticas locais. A comunidade se organiza a partir também da associação, que já existe há trinta e quatro anos. Conhecemos um pouco da cultura local que os moradores mantêm viva. O folclore e as brincadeiras como forma de resistência e educação, a La Ursa, uma forma brincante carnavalesca, a capoeira como prática de resistência, dança e luta que é ensinada aos/as mais jovens. O Engenho Siqueira é um potencial produtivo de alimentação saudável e tenta manter a cultura da oralidade como ferramenta para perpetuar a educação através da contação de histórias. Outras formas de resistência é manter a escola na comunidade, como alternativa de resgatar os processos ancestrais para que as futuras gerações mantenham as histórias e protagonizem outras. A comunidade se reconheceu quilombola através de uma professora que ensinava na escola, e organizou uma pesquisa sobre essa temática.

Em um terceiro momento dessa imersão tivemos o prazer de conhecer a feira Agroecológica de Tamandaré – PE, que é assessorada pelo Centro Sabiá. Nela podemos mergulhar na diversidade produtiva, na dimensão alimentícia produzida pelo povo do campo, podemos deleitar sabores e cheiros. Uma grande variedade de frutas, verduras, legumes, hortaliças, tubérculos, temperos, ovos caipiras, galinha, muitas comidas produzidas, bolos de muitos sabores, pães, doces, geleias. Fomos recebidos por Dona Bete com um maravilhoso café da manhã, sem medo de errar, essa foi umas

das visitas mais gostosas. Apesar dos/os poucos/os agricultores/as existentes na feira. Esse foi um momento muito significativo para entender a agroecologia na vivência e prática, mergulhar numa dimensão em que podemos ver o que é agroecologia ou parte dela aos olhos e boca da sociedade, cores e sabores da agroecologia para além da educação, além da universidade e dentro dela em um contexto sociopolítico.

Figura 3 - Feira Agroecológica - Tamandaré PE



Fonte: Registros BACEP

Em seguida, conhecemos a área da Reserva Biológica de Saltinho, também em Tamandaré/PE. Fundada em 1964 a reserva foi adquirida pelo Governo Federal com objetivo de garantir a captação de água necessária para manter o antigo Lazareto (hospital para leprosos) de Tamandaré. No entanto, em 29 de dezembro de 1967, um decreto transformou o horto florestal em Estação Florestal Experimental (EFLEX) e em setembro de 1983, um decreto de número 88.744, tornou-a Estação Experimental de Saltinho, na sequência foi transformada no que conhecemos como Reserva Biológica de Saltinho. O nome é referência ao antigo engenho que funcionava na área.

Em seguida, no Sindicato de Ribeirão aconteceu uma roda de diálogo com o presidente Gilvan que ressalta sobre os processos trabalhistas e sobre as novas emendas parlamentares e a terceirização trabalhista que aponta vantagens apenas para o patrão. Fala também da projeção do cenário desfavorável aos sindicatos, isso me lembra um livro “A história e a natureza das ligas camponesas” de João Pedro



Stedile, que traz os sindicatos como forma de perpetuação das ligas, como forma de resistência e também continuidade histórica. Gilvan aponta os grandes desafios que a classe trabalhadora irá enfrentar sobre esse governo fascista orquestrado por Jair Bolsonaro e sua corja.

### **Visita a Colônia de Pescadores**

Figura 4 - Colônia de Pescadores - Tamandaré PE



Fonte: Acervo - Bacep

Nosso encontro foi na praia de Tamandaré, numa roda bonita, e diálogo impressionante com os/as pescadores/as. A colônia tem 370 pescadores/as regulares, associados/as. Fundada em 1970, atua no âmbito da pesca artesanal, uma vez ou outra pesca em alto mar. Ouvimos relatos sobre os tipos de pescas praticadas por eles/as, a pesca em alto mar e na costa. Eles/as descrevem que apesar de ser regulamentado por lei, acontece algumas vezes a forma de pesca predatória que por vez desrespeita o período de desova de algumas espécies de peixes, que tem como consequência a redução de muitas espécies. Seu Severino nos conta que antes colocavam a rede a 100 metros da costa e pescavam em média 50 kg de peixe, hoje, por conta dessa forma predatória, colocam a rede em torno de 300 metros e se pega em média 10 - 20 kg. Geralmente a colônia trabalha com a pesca artesanal e envolve mulheres e jovens. Para essa e outras atividades pesqueiras é importante respeitar o período de defeso, época de reprodução de muitas espécies de peixes e crustáceos. No defeso as/os pescadores/as recebem um seguro, para não pescar e é esse seguro

que proporciona uma renda aos pescadores/as legalizados/as pela colônia. Nesse período ficam suspensas as atividades de pesca. Durante a roda de conversa foram surgindo perguntas aos/as pescadores/as. A primeira pergunta foi: qual era a relação deles/as com o mar? As respostas foram diversas, o primeiro falou que para ele é uma relação de respeito e cuidado. O segundo expressou o sentimento de amor por ser pescador, por pertencer àquele lugar. O terceiro trouxe a fé e o simbolismo envolvido nas crenças sobre um Deus que tudo cuida, tudo dá, ressaltou falando que o mar conversa com a gente e quando ele fala é importante respeitar.

Na tarde daquele dia conhecemos o Assentamento Jundiá de Cima, também em Tamandaré, onde reside Dona Bete, que havia nos recebido na feira, pela manhã. Outra experiência incrível cheia de aprendizado, sustentabilidade e resistência. Dona Bete nos conta sobre sua trajetória de como dá conta dos processos organizativos do local. A comunidade faz fronteira com uma área de produção de cana e toda vez que lançam veneno para tratar alguma espécie de doença ou prevenir, esse veneno acaba sendo levado para a produção dela, chegando a perder grande parte. Dona Bete é uma das agricultoras que comercializa sua produção na feira de Tamandaré, e, por isso, essa ação de uso dos venenos impacta diretamente sua fidelidade com os clientes. Além da produção de hortaliças e legumes, também é exímia produtora de beneficiados, como bolos, doces, galinha caipira e ovos. Bete administra o local e suas muitas tecnologias, apresenta um poço, onde cria peixes, um pequeno aviário, uma grande diversidade de plantas de temperos, medicinais e plantas protetoras, religiosas. Alguns/mas agricultores/as são assessorados pelo Centro Sabiá como no assentamento Jundiá. Dona Bete é produtora beneficiada pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e nesse sentido a produção dela é agroecológica. Para Dona Bete, ser agricultora é construir uma contradição ao sistema de monocultivo da cana, e quando perguntamos qual a relação dela com a terra, ela sorriu e respondeu: é um sentimento de liberdade, liberdade de produzir o próprio alimento, criar peixes, galinhas, plantar legumes, acordar com a terra, sentir a terra, respeitar a natureza e todos os seres existentes, essa é a maior relação que tenho com a natureza.

Visitando o Sindicato dos/as Trabalhadores/as Rurais de Rio Formoso - PE, Seu José Paulo nos apresenta um pouco da história do sindicato rural. Ele nos fala que o sindicato é dividido em duas partes, ou dois tipos de público; o primeiro os/as agricultores/as familiares e os/as assalariados/as do corte da cana. Seu Zé Paulo

nunca estudou, cresceu no período pós segunda guerra, desde pequeno trabalhou no corte da cana e na lida com o gado. Ele relata que em 1943, Getúlio Vargas começou a incentivar a produção de cana - de - açúcar, que anterior a isso, os pequenos produtores produziam e vendiam a cana, pós incentivo, os grandes engenhos começam a produzir em grande escala, tornando obsoletas as pequenas produções, sendo obrigado a vender a mão de obra para os grandes engenhos. Seu Zé Paulo apesar de nunca ter estudado, já foi prefeito de Rio Formoso, hoje é assentado, presidente do sindicato junto com Cristiane do Engenho Siqueira.

Na visita seguinte vou trazer o relato feito à comunidade Engenho Conceição localizada em Sirinhaém/PE. O objetivo da visita foi de conhecer duas unidades de beneficiamento, de polpa de fruta da comunidade e uma unidade de produção de rapadura. A chegada foi um tanto inusitada, atravessamos uma Pinguela, uma espécie de ponte feita com um poste e algumas varas de bambu. Somos recepcionados pela família de Cristina, sua filha Adriele é a presidente da associação comunitária. A família, através da associação administra a unidade de beneficiamento de frutas, dessa forma comercializam para o mercado governamental PAA e PNAE. A unidade tem capacidade produtiva de 30 toneladas/ano. Paralelo a essa unidade a família também administra outra unidade de produção e beneficiamento de rapadura. Essa segunda produção é comercializada na feira livre, a matéria prima é produzida pela própria família que afirma ser sem uso de agrotóxico. A história da Cristina e sua filha Adriele juntam-se a das outras mulheres que visitamos anteriormente, que trazem o protagonismo feminino, a força da transformação para modificar seus territórios e todo o contexto social em torno e dentro dele, que lidam com a roça de milho, feijão, mandioca, processados, agroindustrializados. lembram uma palavra de ordem que sempre surge nos espaços do MST, “quando uma mulher avança, nem um homem retrocede!”.

Figura 5 - Visita a comunidade Engenho Conceição, Rio Formoso PE.



Fonte: Acervo - bacep/Benoni Codácio.

Como penúltima parada, conhecemos a comunidade do Engenho Fervedouro, em Jaqueira/PE. Quem nos recebe é Allana, militante da Comissão Pastoral da Terra - CPT, ela relata os conflitos agrários que a comunidade sofre praticamente toda semana, já que existe uma grande pressão imobiliária e pecuária na região. Grande parte dos atentados nos conflitos a comunidade direciona a culpa a Usina Frei Caneca. A comunidade é composta por aproximadamente setenta e uma famílias, pelo menos um membro de cada família trabalha/trabalhou para a Usina. Existe portanto aí uma enorme contradição, servir a quem insiste em bater, vende a força de trabalho para o latifúndio que oprime de muitas formas.

Durante nossa visita, conhecemos Seu Duzinho, que nos relata sua história de vida, seu processo de luta e resistência. Seu Duzinho mora a cinquenta anos na comunidade, diz que adquiriu a terra através de um contrato verbal, ou seja, não dispõe de nenhum documento que comprove que a terra é sua, a não ser alguns pagamentos que alguns administradores alegam não terem recebido. Seu Duzinho é casado com Dona Maria, juntos têm três filhos, apenas um mora com o casal. Quando perguntam que relação eles têm com aquele local, eles respondem emocionados que

é uma relação de amor com aquilo tudo, é a vida deles, a terra é a vida deles. Dona Maria se emociona ao relatar as formas de repressão sofridas por parte da Usina.

Mais uma vez na estrada, desta vez para Palmares/PE, para participar de uma reunião da Rede de Agroecologia da Mata Atlântica- RAMA -. A RAMA é uma rede que constrói parcerias, Centro Sabiá, IPA, entre outros espaços que fortalecem a luta da agroecologia na região. Ela articula as comunidades com diálogos com as lideranças comunitárias construindo pontes de debates agroecológicos como alternativa também de expandir o conhecimento e consolidar uma produção sustentável, pautada em práticas humanas dialogando com o bem- viver.

Logo após a imersão, mergulhamos no nosso território, para aprofundar os debates vivenciados na imersão, inicialmente com três tarefas; a primeira de fazer um levantamento mais geral da região, do território metropolitano. Trazendo os aspectos de clima, economia, vegetação, produção e cultura. Nesse primeiro olhar sobre a região metropolitana de Natal na qual Macaíba/RN está inserida. A região metropolitana delimita alguns municípios a partir de Nísia Floresta, São José do Mipibu, Parnamirim, Natal, Macaíba, São Gonçalo do Amarante, Extremoz, Ceará Mirim, Vera Cruz, Monte Alegre, Bom Jesus, Arês, Ielmo Marinho e Maxaranguape, alguns desses foram inseridos em 2019. Em seguida, a tarefa era aumentar o grau da lente sobre os aspectos do município, trazendo as peculiaridades existentes, tipos de vegetação, aspectos de cultura e historicidade. Esses fatos foram extremamente importantes para entender o lugar de pertença, entender como a história de um lugar conta sobre nós. Quando fazemos esse resgate histórico, trazemos à tona nossa luta, a história dos que vieram antes de nós e autenticamos o porquê pertencemos a tal lugar. Em seguida trazer esses aspectos para um olhar sobre o Etnoagroecossistema familiar, entender os processos de relação com a terra, com a produção, como a família se relaciona com a natureza. Entender qual a relação da família, ou como se cria essa relação do etnoagroecossistema com a agroecologia estudada, contextualizar essa experiência com os textos propostos.

No Segundo período, com Eixo “Conhecer e **Diagnosticar o Etnoagroecossistema** trouxe como temáticas de discussões: Modos de apropriação da natureza e racionalidade camponesa; Econômicas; Ecológicas dos Ecossistemas; Meio ambiente, sustentabilidade e subjetividade; Natureza em Movimento; Educação

em Agroecologia; Investigação – ação participativa; Solos; Plantas; Educação, diversidade e relações étnico-racial, dividido em três módulos: natureza em movimento, as plantas e os porquês e subjetividade e a natureza. A imersão aconteceu na Mata Norte pernambucana, um lugar de encantamento, a terra do maracatu. Localizada na parte Norte do estado de Pernambuco, essa Zona da Mata, assim denominada por conta da vegetação predominante, é composta por 19 municípios, dentre eles visitamos experiências em Tracunhaém, Timbaúba, Carpina, Lagoa do Itaenga, e Camutanga. Várias experiências foram colocadas para nós, desde o movimento de resistência negro, como mulheres negras assentadas e a Capoeira Angola, uma reserva florestal, até uma visita a uma usina de cana de açúcar. Dentre essas mistas experiências procuramos observar as relações de apropriação da natureza pelo ser humano, os solos, ecologia dos ecossistemas, diversidades e relações étnicos raciais, expressões culturais do campesinato, economia e agroecologia, meio ambiente sustentabilidade e subjetividade, etnoconhecimento e etnofarmacologia.

Na manhã do dia seis (06) de março de 2020, iniciamos a nossa imersão. A primeira experiência visitada foi no sítio Agatha, localizado na zona rural de Tracunhaém. Fomos acolhidas pela família de Luiza, composta por Nzinga sua filha, Ágatha sua neta e um grupo de pessoas que são parceiras do sítio e contribuem com ações diversas.

Ao chegarmos fomos direcionadas para o espaço Marielle Franco, um espaço de vivência que surgiu com intuito de realizar um encontro de mulheres negras e até hoje permanece como um local de acolhida. Lá fizemos a nossa apresentação, na qual dizíamos nossos nomes, de onde éramos e o que fazemos, nesse momento a fala tímida de Gabriel provocou Luiza, que ao direcionar-se a ele chamou a atenção para a importância do povo negro se colocar, se afirmar nas rodas de diálogo e não deixar que os outros falem por eles.

“Meus avós disseram que seus pais foram trazidos para o Brasil como escravizados e colocados aqui em Tracunhaém para trabalhar no Engenho Vinagre, hoje entendo que estar aqui nessa terra é uma reparação histórica de tudo o que aconteceu, estou aqui porque minha gente já vivia aqui”.

O processo de ocupação aqui foi forte e doloroso, nove (09) anos de lutas, acampados para conseguir a terra, onde pessoas tombaram e caminhadas foram feitas. Hoje companheiros de lutas que arrendam sua terra para a usina, achando que estão ganhando e tentam convencer os outros a também arrendar a terra. Mas as dores ensinam que isso que é imposto não é o caminho, é o que nos faz querer mudar. Que estratégia podemos encontrar para convencer as pessoas que esse falso progresso é na verdade um projeto de morte? Esse é um espaço de acolhida e resistência. Nesses anos esse é o meu objetivo de vida, ter vida plena, e em abundância” afirma Luiza Cavalcante, em 2020.

Nzinga sua filha também deu as boas-vindas a turma dizendo: “Sou mulher, mãe, vizinha, cozinheira, sou tudo, porque aqui a gente tem que ser tudo, tendo tudo aqui não precisa procurar fora”. Concluída a fala de Nzinga, nos organizamos para a realização de um mutirão em uma área do agroecossistema familiar onde será iniciado um Sistema agroflorestal (SAF). chegando no espaço, nos dividimos em grupos e cada grupo realizou uma atividade, educandas/os e professoras/es se distribuíram nessas equipes e realizamos as seguintes atividades: cavamos os berços nos locais marcados; peneiramos o esterco animal para usar na adubação dos berços; fizemos coroamento ao redor do buraco que foi cavado para transplantar a muda. À medida que os berços eram feitos, outro grupo colocava o esterco já peneirado, enquanto outras/os juntavam restos de culturas (palhas, folhas e galhos secos) para cobrir o solo e conservar água neste período de escassez. A forma de cultivo adotada por Luíza consistia em fazermos nucleações nos berços, transplantando no centro, as mudas de fruteiras e em seu entorno foram plantadas sementes de leguminosas, raquetes de palma, plantas medicinais e plantas alimentícias não convencionais (PANCs). Concluída a atividade juntamos as ferramentas e retornamos a casa de Luiza. Chegando lá descansamos um pouco, enquanto isso ela nos mostrou o que beneficiam no agroecossistema e comercializam, para conseguir comprar os materiais de construção da casa que está sendo erguida próxima a área do SAF, dentre outros materiais e equipamentos, como a bomba que leva água até a sua casa, por exemplo. Entre as suas produções e de Nzinga estão: óleos aromáticos com plantas medicinais (óleo de coco, camomila e colônia), pão caseiro e geleia de acerola. Após o almoço, fizemos uma caminhada para conhecer o etnoagroecossistema familiar, guiadas e guiados por Luiza, ela iniciou contando que as famílias agricultoras acampadas,

ganharam a posse da terra em novembro de 2005 e sua primeira casa foi construída coletivamente com recursos próprios, pisando o barro, dançando e cantando coco, no ano de 2006. E apenas no ano de 2008, que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) liberou recursos para a construção de casas de alvenaria. Ao adentrarmos sua casa nos deparamos com um mural de fotos que contavam a através das imagens a história de luta e resistência das famílias acampadas, frentes aos processos de reintegração de posse das terras, a destruição das casas e barracas, mas também mostravam como as famílias coletivamente reconstruíram as casas, inclusive a sua, e alguns momentos importantes na trajetória do Sítio Ágatha. Além do mural, algo que nos chamou a atenção, foi o banco de sementes crioulas formado a partir das trocas.

Figura 6 - Sítio Agatha, Tracunhaém PE.



Fonte: Acervo - Bacep

### **Sede do maracatu rural Leão Misterioso**

Fomos recebidos por Seu Gentil e seu sobrinho Francisco (Chico), que é mestre caboclo do maracatu. A sede apesar da simplicidade em sua estrutura exalava boas energias e vibrações positivas. Fizemos uma rodada de apresentações e Seu Gentil já demonstrava um amplo conhecimento sobre as organizações de nossas regiões, a cada comunidade citada ele fazia uma referência a grupos de maracatu, ciranda e mestres presentes na área, mesmo quando não existia essa referência ele falava algumas características locais. Logo após nos apresentarmos, Seu Gentil nos contou um pouco sobre a sua origem no maracatu, até o momento da fundação do seu grupo.



O maracatu rural (maracatu de baque solto) pode ser considerado de forma cultural, como uma manifestação folclórica com origem na Zona da Mata Norte de Pernambuco, conforme nossa vivência na Mata Norte, vimos que o maracatu transpassa o folclore, sendo uma expressão cultural do campesinato relacionada a religiões de matriz africana e indígena. Existem dois tipos de maracatu; o de baque solto e o de baque virado, a diferença de ambos é que no baque solto tem a presença de alguns personagens, trajes e o seu ritmo. Seu Gentil iniciou sua carreira cantando na Ciranda Misteriosa, onde teve bastante influência para ser mestre no maracatu de baque virado Almirante do Forte, com o qual conseguiu um campeonato depois de um jejum de 18 anos, uma das macumbas (toada, canto com rima feito no maracatu de baque virado) cantadas por Seu Gentil em comemoração ao título do campeonato foi essa: “baiana, minha baiana, para que mandou me chamar? Para brincar o carnaval, que eu sou da terra da roça e minha baiana só gosta quando eu mando rebolar”.

Após a morte do dono do maracatu Almirante do Forte, ele migrou para o maracatu de baque solto Estrela de Tracunhaém, pertencente ao seu amigo e compadre Mané do Boi, onde foi diretor por 3 anos e só saiu por conta de uma “mizinga” (briga, confusão) dentro do grupo. Seu Gentil ficou insatisfeito com um chapéu confeccionado para o seu mestre de maracatu e decidiu se desvincular do Estrela de Tracunhaém e fundar seu próprio grupo.

Em um domingo de páscoa de 1984, nasce o maracatu Leão Misterioso fundado por Seu Gentil, composto por 11 caboclos cedidos por um maracatu de um mestre amigo seu, seus familiares e alguns caboclos e baianas de fé que migraram com ele do antigo maracatu. Naquele tempo existiam muitas brigas entre os grupos de maracatu, caso dois grupos se encontrassem e não cruzassem as suas bandeiras (um tipo de estandarte, símbolo mais sagrado do maracatu rural). Seu Gentil sempre foi contra os atritos e tentava de todas as formas evitá-los, mesmo com as investidas de Mané do Boi e seu antigo grupo. As brigas só foram cessadas quando Manoel Salustiano e o governador da época criaram a sociedade do maracatu. Por conta das brigas e confusões, todos os grupos precisavam adquirir uma licença junto à polícia (uma espécie de ofício, declaração) para fazer suas apresentações. Seu Gentil fala que a partir desse momento, o maracatu perde um pouco do seu encanto, pois, alguns componentes passaram a exigir um cachê para se apresentar, e mesmo

acordando determinado valor. Se outro grupo oferecer alguma quantia maior que o combinado, os integrantes migram para o ofertante. Além dessa influência política, o maracatu passa a ter apresentações no período carnavalesco, na cidade do Recife e mais uma vez perdem um pouco de sua essência e brilho com o “embranquecimento” dessa expressão cultural. Com a criação de competições voltadas para fins lucrativos, o maracatu teve que se adaptar para receber os valores referentes a premiações, tendo que criar CNPJ (cadastro nacional de pessoa jurídica) para andar nos trâmites das leis. Apesar de não pagar impostos, o maracatu tem que fazer uma prestação de contas para poder sair no carnaval.

Figura 7- Sede do Leão Misterioso, Tracunhaém PE.



Fonte: Acervo - Bacep

Da sede do Maracatu, seguimos para visitar o ateliê do Edvaldo José de Andrade Junior, popularmente, Val Andrade. Durante a visita percebemos que o seu pai, seu Sussula e seu irmão trabalham com ele no ateliê. Seu Sussula estava finalizando uma peça, mais precisamente um Caboclo de Lança, personagem típico do Maracatu de Baque Solto, percebemos também que existiam várias dessa mesma peça, diferenciadas umas das outras por pequenos detalhes. No decorrer da visita, Val conta que seu pai o instruiu a trabalhar com argila. Ele também nos fala do processo de preparação do barro, para iniciar suas obras, diz que a relação com o barro é ancestral, que eles (os ancestrais) já usavam para construir coisas, faz ligação com os povos indígenas e a relação com o nome da cidade Tracunhaém, que no tupi significa Panela de Formiga ou formigueiro. Val usa dois tipos de barro, o barro vermelho e o barro branco, esse último com mais presença de minerais no qual ele adiciona pequenas porções de vermelho para equilibrar o barro branco. Os dois tipos de barro são oriundos do estado da Paraíba, em média compram meia carrada, que

equivale a 500 kg, como eles falam, “o barro é bom quando vem gorduroso”, fala do processo de chamote, que consiste em quebra de peças (esfarelar) e misturar no barro para construção de outras peças, essa mistura tem a função de estabilizar as peças evitando que as mesmas sofram alguma espécie de atrofiamento. Val nos fala do processo de cozimento, os tipos de madeira e os resultados a partir delas, fala que a sabiá (árvore) tem a capacidade de queima melhor que algumas árvores, que além da lenha utiliza a cinza no processo de chamote junto aos esfacelamentos de outras peças que não saíram como planejado. Artista premiado em 2019, no Salão de Artes Popular Religiosa da 20° FENEARTE - Feira Internacional de Artesanato de Pernambuco, com a peça de Xangô. No período da inscrição do FENEARTE Val fala que não iria se inscrever, porém seu pai, seu Sussula insiste muito para que ele crie uma, no qual criou a peça por nome de Xangô que lhe rendeu o primeiro lugar no Salão de Artes Popular Religiosa. Diferente da forma de criação do pai, Val nos fala que prefere produzir peças Autênticas, sem repetir, falou também que prefere suas peças cruas sem cozimento, ressalta que o barro branco é mais complicado de trabalhar que o barro vermelho, “tem que ter cuidado porque se tocar no barro vermelho com a mão melada do barro branco ele mancha e não larga do vermelho”

Quando perguntamos como faz para criar peças tão autênticas ele responde que “simplesmente bate a inspiração do nada e pronto!”. E quando perguntamos qual o sentimento de viver da Arte ele fala que é movido pela arte, é uma facilidade que não dá para explicar”. Suas obras podem ser classificadas como formas de expressão cultural e religiosa da Mata Norte. Atualmente ele participa de um documentário chamado Projeto Sertões e está fechando uma articulação para exportar suas obras para a Ásia.

Figura 8 - Xangô, Ateliê Val Andrade, Tracunhaém PE.



Fonte: Acervo Artista Val Andrade

Após a visita ao ateliê do Val, seguimos para conhecer outra olaria, ao chegarmos à olaria do Baixinha encontramos uma produção em larga escala, fornos de cozimento enormes comparados aos que vimos no ateliê do Val, uma grande produção de vasos, filtros, jarras grandes e pequenas. Encontramos também o seu Carlinho, que nos recepcionou na olaria. Seu Carlinho fala com grande indignação sobre seu trabalho, fala que é um trabalho escravo e não tem direito a nada. “Eu não quero que meu filho passe nem perto daqui, quero que ele estude se forme e vá morar até em outro país se for preciso, mas trabalhar aqui nesse trabalho não!”.

Da Olaria para o Sítio Malokambo, onde vive Orunmilê, nosso colega de turma e sua família. Assim que chegamos no sítio da família de Orunmilê conhecemos o seu pai, o Mestre Joabe, que foi almoçar e se ajeitar para começar a conversa com a gente sobre a Capoeira Angola. Enquanto isso, fizemos uma caminhada guiada por Orumilê e seu irmão Malakai. Primeiro pegamos uma estrada e fomos até o limite da propriedade para vermos como estava o sítio do vizinho, no percurso, que era beirando o sítio de Orum, vimos que havia muita mata em crescimento, inclusive uma mistura de vegetação da Mata Atlântica úmida com plantas da Caatinga, e chegando no seu limite vimos que a área do vizinho estava completamente desmatada, e foi nos explicado que quando eles adquiriram aquele local era uma mata do mesmo porte que estávamos vendo, porém o atual dono vendeu toda a madeira, depois a areia, e agora estava criando porcos, levando o espaço a uma alta degradação.

Voltamos para o sítio e começamos a dar uma volta por dentro dele, vimos que é uma mata que está em constante movimento e crescimento, apesar de ser uma capoeira, vimos algumas árvores que eram centenárias e outras ganhando força e

crecendo. Caminhamos até o apiário, e no caminho escutamos um irmão de Orum nos explicando sobre as plantas que ali nasciam, como não podíamos ficar muito tempo perto das abelhas voltamos e saímos em outro caminho, que foi interessante pois achamos um enxame de abelhas do gênero *Apis* dentro de um tronco de árvore e com essa deixa voltamos para o salão principal.

Chegando no local o Mestre Joabe começou a nos explicar sobre a sua história de vida, e como ele chegou na capoeira, que foi no momento em que estava em São Paulo, cidade que foi morar ainda pequeno com os pais que saíram de Tracunhaém para lá, por sorte conheceu a capoeira na sua raiz, com um Mestre que tinha mantido a tradição da capoeira assim como ela sempre tinha sido. Nesse contexto ele comenta sobre como a capoeira foi adquirindo novas concepções e roupagens e que nesse processo foi se “embranquecendo”, ou seja, pegando costumes de gente branca e privilegiada, não só da capoeira, mas também de outros movimentos como o Maracatu e a Jurema. A sua companheira, Helena Tenderini, que também joga capoeira, na verdade toda a família é capoeirista, comentou um pouco como era o seu trabalho de parteira, que tinha sido iniciada como doula e logo depois feito partos como parteira, já contando cinco, e que até então algumas mulheres frequentavam o espaço para aprender sobre o parto natural e em casa, ela problematiza sobre como o nosso sistema de saúde pegou para si esse momento da vida mulher tirando delas toda a autonomia e desqualificando os conhecimentos tradicionais das mulheres parteiras.

Figura 9 - Sítio Malokambo, Tracunhaém PE.



## **Complexo das Mascarenhas**

Sáimos do alojamento e fomos à Timbaúba, para conhecer o Complexo das Mascarenhas, Refúgio de Vida Silvestre Matas de Água Azul, na intenção de fazer uma caminhada por entre a floresta e observar e debater os ecossistemas em movimento. No caminho para o nosso local de caminhada tivemos um momento de mística inspirada no dia internacional das mulheres, que foi um momento de reflexão sobre a forma como nós tratamos as nossas companheiras de luta e o quanto elas sofrem por viver em uma sociedade machista e patriarcal. Após isso partimos para a nossa caminhada, em uma trilha bem íngreme e cansativa, que foi guiada pelo professor Ângelo Alves e pela professora Carolina Biondi. Ele e ela pediram para nós observamos a vegetação ao nosso redor e como os tipos de solos vão mudando conforme íamos subindo a serra. Foi pedido também que nós fizéssemos um esforço para nos mantermos calados, o que muitos não conseguiram fazer, e assim melhor aproveitar o passeio de corpo e mente presente no caminho.

No meio da ladeira a professora Carol pediu para pararmos um pouco e começou a nos explicar os processos de formação dos solos, mostrando os tipos de rochas e os processos de intemperismo que os geram. Para uma melhor compreensão, ela passou algumas pedras entre o grupo, dentre elas: goethita, hematita e também alguns silicatos. Aprendemos que de acordo com o material de origem podemos ter uns solos mais vermelhos, outros mais amarelos e uma mudança em outros fatores físico-químicos. Chegando no topo, o professor Ângelo reuniu todas as pessoas em um local, onde dava para ver a mata ao lado de uma área queimada e observando aquele contraste, nos fez refletir sobre os processos de apropriação da terra e como nos relacionamos com a natureza: sendo nós, a própria. E dentro dessa concepção nos mostrou o quanto estávamos cansadas/os por conta da subida que nos levou aos nossos limites físicos, e se somos natureza e temos limites, a mata que também é, apresenta os seus limites e pede socorro para que consiga sobreviver às pressões do ser humano.

## **Engenho Xixá, Timbaúba PE.**

Nosso próximo mergulho foi na vida e realidade de Severina Batista da Silva Lima conhecida por Dona Zezita, uma mulher camponesa, agricultora, mãe, avó e

artesã, que passou toda a sua vida no campo e que se alegra ao olhar para o passado e ver que superou muitos desafios para estar ali, no presente, partilhando suas vivências.

Ela nos contou com comoção sobre a infância, carente de amor familiar, pois o pai faleceu quando era ainda criança e sua mãe a entregou para ser criada por um tio, pois não tinha condições de criar ela e as irmãs, nesse período segundo ela, os casamentos eram “arranjados” e a família havia feito um noivado entre sua irmã e um homem de 40 anos de idade que trabalhava na usina. Nesse período ela tinha apenas 14 anos de idade e ainda assim, muitas pessoas da família apoiaram a realização do casamento, doando animais para serem abatidos e fazerem a festa, dentre outras coisas. E apesar da pouca idade ela pensava em viajar nessa época e tentar refazer a vida tendo consigo toda essa necessidade de afeto, mas o casamento aconteceu para que ela não viajasse. Na igreja o padre se recusou a fazer seu casamento devido à idade, então pagam a um juiz que altera sua idade para 18 anos.

Em relação a terra ela conta que a conquistaram como indenização do engenho depois de muita luta e durante esse processo de conquista havia sempre música e zabumbas para fortalecer e alegrar as pessoas. Ela conta que após o fechamento do engenho o local virou uma serraria. E é nessa terra que Zezita cria filhas/os e netas/os, em um local onde predominava o canavial e que hoje há extensas áreas cultivadas de bananeiras, mas em meio a elas, a família cultiva uma diversidade de plantas, de acordo com períodos de chuvas, seguindo as tradições de seus antepassados. Para essa camponesa de 62 anos de idade o Sítio é uma riqueza, elas podem encontrar grande parte de sua alimentação ao entorno de casa e que, para plantar “cada cultura tem sua ciência e quem é filha de agricultores não precisa que ninguém ensine a plantar, se aprende vendo os pais”. Além de agricultora, ela também é artesã e mostrou a turma as peças que produziu e contou com alegria sobre sua maior conquista, que foi aprender a ler e escrever depois de “vovó”, através da Educação de Jovens e Adultos -EJA e que apesar de não ter frequentado escola por muito tempo ela diz: “Posso não ter muito estudo, mas tenho boca para falar o que é bom”.

**Visita aos agricultores da Associação dos Produtores Agroecológicos e moradores da comunidade de Imbé, Marrecos e sítios vizinhos - ASSIM**

Iniciamos a segunda feira no dia 09 de março de 2020, saindo do Centro de Treinamento de Carpina - CETREINO com destino a cidade de Lagoa de Itaenga com objetivo de conhecer e vivenciar a experiência de associados/as da Associação dos Produtores/as Agroecológicos/as e Moradores/as das Comunidades de Imbé, Marrecos e Sítios vizinhos (ASSIM). Na oportunidade visitamos a propriedade de Seu Lula e Dona Rosinete, presidente da associação. Fomos recebidos por Jaílson, tesoureiro da mesma, que nos acompanhou durante essas visitas. Podemos vivenciar a luta para a família se manter na propriedade. Terra oriunda de herança dos pais de Sr. Lula, anteriormente ocupado por monocultivo de cana de açúcar. Devido ao baixo preço da cana, os irmãos do Sr. Lula decidiram se desfazer de suas partes na herança e tentar a vida na cidade. Seu Lula juntamente com sua família decidiram permanecer e adquiriram as partes de seus três irmãos.

A partir da experiência de alguns/mas vizinhos/as que participaram de formação no SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa), começaram a desenvolver um novo tipo de produção que aproveita o máximo da propriedade de forma sustentável e diversifica as culturas. Devido a essas experiências dos/as vizinhos/as, hoje a maior parte da renda vem desse sistema de produção, que vai de frutas, verduras e hortaliças até a criação de animais. A família participa de duas feiras orgânicas no Município de Recife. Seu Lula reconhece as dificuldades políticas na conjuntura brasileira do momento e afirma:

“Depois desse governo que está aí, as coisas ficaram mais difíceis para nós do campo” (Seu Lula).

### **Visita ao Sítio Batalha**

O Sítio Batalha como a maioria das propriedades vizinhas tem em seu histórico inicial a monocultura da cana de açúcar. Seu Arnaldo desde muito cedo começou a trabalhar como cortador de cana, aos 10 anos já estava em meio ao canavial para obter algum tipo de renda para ajudar os pais.

“Trabalhar com a cana não era opção, era uma necessidade” (Arnaldo).

Depois de ter passado sua infância dentro do canavial, Arnaldo decide migrar para São Paulo em busca de melhores condições e sustento para sua família, não



obtendo êxito retornou para o Sítio e decide apostar na agricultura. Sua esposa Dona Maria foi convidada para fazer uma formação de no SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa), sobre formas de produção sustentável e ao retornar repassou o conhecimento para a família que deu início a novas práticas de plantio; tratos culturais, cobertura do solo, plantio consorciado e com rotação de culturas.

Através desse modelo de produção Dona Maria incentivou suas filhas a formação acadêmica voltada para o campo, tendo hoje as mesmas graduadas e apoiando no desenvolvimento do seu Sítio e de outras famílias da comunidade. Hoje Dona Maria também utiliza de seus conhecimentos tradicionais para tratamento fitoterápicos dos animais. Com o apoio da assessoria do Centro Sabiá (Centro de Desenvolvimento Agroecológico), a família teve acesso a algumas tecnologias como cisternas, calçadão, banheiro e estruturação das instalações animais. A UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco), também teve um papel fundamental nessa construção através do projeto da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (INCUBACOOOP). Com esses apoios hoje a propriedade está dividida em subsistemas que proporcionam à família sustentabilidade nutricional e econômica o ano inteiro. Possibilitando a divisão de tarefas dentro dos sistemas. Foi observado uma sobrecarga de trabalho na pessoa da Dona Maria e concentração de poder na tomada de decisão sobre a renda familiar pelo esposo.

Saindo das unidades produtivas fomos para os Sindicatos de Trabalhadores/as Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares da cidade de Lagoa do Itaenga. Fomos recebidos pelo Presidente Luiz Damião, que iniciou nos movimentos sociais a partir de um grupo de jovens na igreja em sua comunidade, foi sócio fundador da ASSIM (Associação dos Produtores Agroecológicos e Moradores Rurais de Imbé, Marrecos e Sítios Vizinhos), compôs o Conselho de Desenvolvimento Rural Sustentável, foi diretor de agricultura da cidade até chegar à presidência do Sindicato. Damião contou um pouco de como foi o processo de intervenção judicial que aconteceu em 2012 no sindicato pela FETAPE (Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco). Por motivo de descumprimento do estatuto que o rege. Após a intervenção e com o processo de novas eleições Damião se candidata à presidência e é eleito com 621 votos. A eleição foi contestada e chegou nas instâncias do tribunal de justiça da comarca de Carpina, que após o juiz analisar a causa validou a eleição, empossando Luiz Damião como presidente.

“Antes eu tinha o pensamento que Sindicato era só previdência, mas ao chegar vi que não era só isso e precisava trabalhar na base e desenvolver outras atividades” (Luiz Damião).

“A mesma detém 75% Com o projeto de gestão inovador, Luiz Damião foi reeleito presidente em 2017, marcando a história do Sindicato com o feito antes nunca acontecido, uma eleição com chapa única. Em seguida o vice-presidente Adelson Freitas da FETAPE (Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras familiares do Estado de Pernambuco) e seu assessor Antenor, falaram um pouco da organização e estruturação da Federação no Estado, que está presente em 174 municípios através dos TSRs, com 10 polos distribuído no Estado, ela conta com 10 diretorias, formado por; Organização e Formação, Finanças, Política Agrícola, Política Agrária, Política para as Mulheres, Política para juventude, Política do Meio Ambiente e Política para terceira idade, Presidência e Vice Presidência.

Enfatizaram o sucesso da marcha das margaridas 2019 que se deu através da formação de mulheres que aconteceu em todo o estado, chegando a Brasília com a segunda maior delegação do Brasil, para reivindicar seus direitos. Também foi discutido algumas políticas voltadas para juventude e o IV festival da juventude que aconteceria em Brasília de 5 a 7 de maio de 2020 reunindo jovens de todo o país.

### **Camutanga PE, 10 de março de 2020.**

Na manhã daquele dia nossa visita foi na Usina Olho D'água. Ao chegarmos, fomos recepcionados e acolhidos por alguns funcionários. Seguimos para uma sala onde aconteceriam as apresentações aos visitantes de como se dá o funcionamento da usina e suas estruturas. A usina passa seis meses do ano parada, e seis meses produzindo. A mão de obra, em sua maior parte, é de moradores do entorno, ou mesmo agricultores familiares que no período de safra vendem sua força de trabalho.

O período produtivo é de agosto a fevereiro, a usina emprega em média, segundo o palestrante Marcos, 7.700 pessoas por safra. Foi fundada na década de 1920 por Artur Tavares, e está na quarta geração desse eixo familiar. Até hoje, atua na produção de açúcar e etanol. No período de alta do combustível a empresa passa a produzir o etanol com fins de lucratividade maior, e no período de baixa do combustível produzem açúcar. A usina possui um vasto estoque de açúcar em

enormes galpões infláveis. O grupo (assim chamado pelo palestrante) possui uma área de 35000 ha, sendo 21000 ha, de área produtiva, e cerca de 3,500 ha, de “recuperação de área degradada”, e renovação de plantio. 36% da área total, arrendados por moradores do entorno. Além disso, contam com a participação de 360 agricultores, pequenos fornecedores de cana de açúcar, geralmente de áreas de assentamento, os chamados “PARCEIROS”. Tem também aqueles que produzem de forma independentes e vendem sua produção para a usina. Segundo o representante da usina, a cana possui em Pernambuco apenas dois tipos de pragas: a Cigarrinha e a Broca. Geralmente controlam com fogo, veneno e algumas formas de controle biológico. O dono e a equipe que trabalha na parte gerencial precisam ser brancos bem vestidos e bem alimentados, caracterizando assim a qual classe eles pertencem, se a casa grande ou a senzala, aos escravizadores ou aos escravizados, aos exploradores ou aos explorados. Por outro lado, os pretos e pardos mal vestidos, mal alimentados, com suas boias frias, remanescentes das senzalas que vendem sua força de trabalho por um salário de miséria e condições desumanas de trabalho.

### **Visita a família da irmã Miriam**

No dia 10 de março de 2020, visitamos a parcela da irmã Miriam que fica localizada no assentamento Chico Mendes no Município de Tracunhaém, Zona da Mata Norte. Em sequência, conversa com o grupo de jovens das três comunidades (Chico Mendes, Nova Canaã e Ismael Felipe), que estão fazendo parte de um projeto do SERTA (Serviço de Tecnologias Alternativo) em parceria com a CPT (Comissão Pastoral da Terra) chamado mutirões em ciranda e que consistem em se juntar e fazer mutirões nas parcelas daqueles que estão fazendo parte desse projeto, buscando sempre a realização dos “sonhos” mais urgentes de cada jovem. Como exemplo, os jovens citaram o viveiro de mudas na parcela da Irmã Miriam. Os jovens falaram também que o projeto contempla principalmente as jovens mulheres, como forma de fomentar o protagonismo feminino e da juventude. Além de ressaltar valores que estavam adormecidos, como é o caso dos mutirões.

A segunda parte foi conhecer a história de vida da Irmã Miriam. Sendo fustigada a falar desde a sua infância nos contou que nasceu em um sítio em Botafogo/PE onde passou parte de sua infância, aos 5 anos de idade perdeu sua mãe. Foi crescendo e vendo as atrocidades que o senhor de engenho cometia com os

trabalhadores, tomando suas terras, destruindo suas plantações, derrubando suas casas e os expulsando do campo, não ficou alheia a esses acontecimentos tendo que abandonar o sítio e ir morar na vila. Depois da morte de sua mãe, ela se apegou ainda mais a sua irmã mais velha, mas com 10 anos de idade perdeu o seu pai, que é o segundo baque sofrido pela família. Aos 14 anos começou a trabalhar em casa de família como empregada doméstica, mas nunca saiu de sua cabeça as origens e raízes de uma mulher camponesa e a vontade de voltar para o campo. Aos 18 anos ela tem 4 filhos, Alda, Alba, Carlos e o 4º nasceu morto. O ano 2000 foi de muita referência política no que diz respeito à luta pela reforma agrária em todo país, ocupações, despejos, perseguições e assassinatos de lideranças.

Nos “prados” (as ocupações recebem esse nome por conta do engenho); o processo de ocupação começa em 2007 (o que gerou o documentário chamado: Guerra de Baixa Intensidade), e a Irmã Miriam junto com seu marido participa do processo de ocupação. Foi um momento difícil, pois, com tinha 3 filhos pequenos precisou transferi-los para a escola de Araçoiaba/PE, o que aumentou ainda mais a dificuldade de acompanhamento e deslocamento, pois o transporte era precário e as condições do próprio acampamento não permitiam um melhor desenvolvimento educacional das crianças, ocasionando uma reprovação dos filhos na escola, o que levou a Irmã Miriam a ter que voltar para a casa no comunidade de Botafogo, Aracoiaba - PE enquanto isso o marido ficava acampado.

De 2007 a 2009 foi um período que não só se agudizam os conflitos pela terra, como também em seu relacionamento, pois, seu marido passou a não mais permitir que ela participasse da luta nas ocupações ficando apenas restrita a cuidar dos filhos, o que gerou um certo incômodo porque isso mexia diretamente com o sonho dela de voltar para a terra. Com isso, ela toma a decisão de ir para o assentamento, o que faz com ele imponha a condição de escolha que ela opta pelo assentamento ou a casa em Botafogo. Sem saber como plantar ainda assim decidiu ficar com a terra e voltar para suas origens. Ficou na terra onde tinha apenas um barraco de lona, ouvindo “chacotas” de outros agricultores que faziam apostas entre eles, uns davam 15 dias para que ela abandonasse a terra, enquanto outros mais generosos davam 1, 2 ou no máximo 3 meses. Tudo isso acabou sendo combustível para sua chama revolucionária, de mulher, mãe, agricultora e camponesa, que não desistiu de seus sonhos, contando com a solidariedade de alguns aprendeu a plantar, a beneficiar, e

passou a participar da feira de Araçoiaba/PE onde comercializava seus produtos. Certo dia precisou sair e quando voltou encontrou sua casa arrombada, onde haviam levado seus pertences. Mas segundo ela alguém “iluminado por Deus” (usando de sua fé cristã), lhe aconselhou a permanecer na terra e assim ela fez. Não só permaneceu na terra como construiu uma casa de farinha, diversificou a produção, começou a criar galinhas, preservou uma área de mata e começou uma transição agroecológica na sua propriedade. Alda, quando casou pensava em sair da parcela para viver na cidade com seu marido, mas depois que se formou no SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativo), convenceu o companheiro a construir sua casa na parcela e assim foi feito, agora é a vez da filha Alba que mora em Botafogo/PE, que já começou a construir a casa na parcela, entrando no processo de campesinato, só o filho que não quer viver na parcela, mas participa de todos os mutirões que a família organiza seja para o plantio, ou construção dos espaços existentes na parcela. A Irmã Miriam, que apesar de pequena em sua estrutura, nos mostrou a grandiosidade de uma mulher camponesa.

Dentro do processo de aprendizagem nesses dois primeiros períodos as temáticas que mais chamaram a atenção foram: no primeiro período; Campesinato, modo de vida camponesa e agricultura e movimentos sociais e questão agrária. Para o segundo período: Modo de apropriação da natureza e racionalidade camponesa e Educação em agroecologia. Desse modo sistematizar os processos vivenciados nos territórios e as formas de relações dos camponeses com os territórios, entender as relações com as temáticas trabalhadas em cada período. No primeiro semestre, com a temática Campesinato, modo de vida camponesa e agricultura dialoga diretamente a realidade da minha família, nos que identifico como processos ou características de campesinato, ou campesinação. Um núcleo familiar onde as tarefas do espaço produtivo são tarefas de todos, na prática, muita coisa precisa mudar, dentro desse cenário, entender a pauta da luta pela terra, as organizações sociais como direcionamento da organização, a produção como modo de organização familiar, mas também como perpetuação das espécies produtivas, armazenamento da produção, produção de forma agroecológica, nessa lógica de pensamento não seria possível isolar o diálogo com os movimentos sociais e a questão agrária que verbera dentro das discussões sobre os acesso à terra, formas de produção e organização sociais. Para o segundo momento sobre as temáticas Modo de apropriação da natureza e

racionalidade camponesa, essa temática trouxe questionamentos sobre o que seria apropriação da natureza, nesse aspecto, foi possível entender algumas formas de apropriação da natureza, nas imersões e nos territórios. diferente do processo de exploração da natureza o modo de apropriação acaba trazendo para o enredo com a racionalidade camponesa, as formas de extrativismo existente nas áreas rurais, acampamentos, assentamentos, comunidades ribeirinhas, de coleta de frutos para beneficiamento, ou coletores de sementes e plantas como alternativa de produção e disseminação de espécies nativas para implantação de SAF's.

No Terceiro Período, tivemos como Eixo o **Planejamento no Etnoagroecossistema**, guiado pelas temáticas: Agrobiodiversidade; Leitura e análise da sustentabilidade de agroecossistema; Sistema Agroalimentares; Convivência com o semiárido; Economia Solidária; Planejamento participativo em campo; Cultura Corporal e Campesinato; processo grupais e subjetivo em contextos rurais; Sistema de produção da agricultura familiar. Nesse período a imersão foi mergulhar nos sertões de Crateús, Pajeú, Araripe e São Francisco, de modo virtual, diante do cenário de pandemia COVID 19 que assolava o planeta. Nessa imersão mergulhamos sobre as biodiversidades de cada região, de cada Sertão, suas diversidades e belezas, encontramos uma dimensão produtiva e uso de tecnologias sociais. Nos territórios foi momento de se cuidar, sem parar as atividades. Durante a imersão conhecemos algumas experiências através de vídeos, conhecemos muitas tecnologias sociais que fazem o diferencial no processo de assegurar o homem e a mulher do campo no campo, que estão modificando a realidade, não apenas o fato da tecnologia, mas o assessoramento técnico acompanhando e ajudando a desenvolver novas formas de produção. Como é o caso do sítio de Vilmar e Silvanete, que construíram uma floresta no meio do sertão. Nesse contexto de planejar nos debruçamos com ferramentas para facilitar a sistematização das atividades nesse período, foram elas a linha do tempo e o diagrama de Venn e a construção de um inventário para identificar que plantas estavam sendo cultivadas, todas utilizadas em atividades juntos aos assentados.

O terceiro período também foi marcado por grandes desafios, um dos maiores foi o acesso à tecnologia de qualidade, muitos/as estudantes relatam que no período de pandemia da COVID-19 não conseguiam ter acesso a internet para poder assistir

aulas, realizar pesquisas e outras atividades ou enviá-las, enfim, conseguir se comunicar com qualidade, diante do momento vivido por todas/os/es.

#### Quarto período: **Planejamento e Ação no Etnoagroecossistema**

Nesse período as temáticas estudadas foram: Etnoagroecossistema de produção vegetal e animal; redesenho do Etnoagroecossistema; Metodologia de construção do conhecimento camponês; Economia Solidária; Feminismo; Expressões culturais do campesinato; Alimentação e sociedade; Educação do campo;

Dessa vez realizamos Imersão virtual nos agrestes setentrional, meridional e paraibano, ainda no cenário de COVID-19. Nessa Imersão podemos ver detalhadamente através de vídeos, trabalhos que vêm acontecendo dentro dos territórios dos agrestes. As atividades com os animais no sítio do Micael Cadete, as atividades de acompanhamento técnico com os/as produtores/as familiares de Feira Nova, os projetos com as escolas, desenvolvendo atividades agroecológicas com a juventude. Atividades diversas, produtivas e culturais dentro do Sítio Alcobaça, no Serrote Preto, região de Buíque - PE, onde vivem Anna Guilhermina e Raul, colegas de turma. Aprendemos sobre a cultura quilombola local, sobre os processos de escrita rupestres, aprendemos sobre a diversidade da caatinga e que a seca não se elimina quando aprendemos a conviver com ela. Aprendemos que a vida pulsa de muitas formas no semiárido.

Como construção do conhecimento camponês, foi extremamente importante para os debates junto aos agricultores assentados/acampados do território. Outro ponto foi a aplicação da DRP- Diagnóstico Rural Participativo, abordando algumas ferramentas de indicativos de problemas entre outros (Matriz FOFA, Árvore dos Problemas). Outra temática muito importante foi a Alimentação e Sociedade e Expressões Culturais que despertaram outras formas de apropriação da natureza, formas mais saudáveis de se alimentar, entender a origem da alimentação e processo produtivo pela própria família e leitura visual do triângulo da vida, como se projeta um processo de implantação de um SAF, a partir dos princípios agroecológicos, quais plantas devem vir inicialmente, e sua importância no ciclo de outras plantas.

As temáticas que mais chamaram atenção nesses dois períodos foram, Planejamento participativo em campo. O Planejamento participativo, remete sobre o

conhecimento do camponês e da camponesa, sobre o que está sendo elaborado dentro das áreas, visando que entendam e participem ativamente do debate, agindo assim no resultado do plano. Isso inclui, por exemplo, um debate sobre instalações de sistemas eólicos em áreas em torno de assentamentos, ou projetos de assistência que venham fazer acompanhamento da área, pensar que impactos isso trás e de que maneira podemos construir juntos. Sistema de produção da agricultura familiar, como as famílias se organizam sobre os sistemas de produção, o que promovem com o excedente produtivo, beneficiam? Vendem na feira? Como é a administração financeira da família, é centralizada no pai, é distribuída de forma organizada? Destaco ainda a importância do estudo de redesenhos dos agroecossistemas. Tais redesenhos significam trazer de forma organizada, ideias que possibilitem o melhor aproveitamento dos espaços, destinados à produção animal e vegetal, favorecendo, dessa maneira, um melhor desempenho para a família e para o sistema.

No quinto período, o eixo de estudo foi **“Ação no etnoagroecossistema; Agir - Refletir - Agir”**, e as temáticas trabalhadas foram Manejo de etnoagroecossistemas; segurança e soberania alimentar; Processamento e conservação da produção familiar; processos participativos de melhoramento genético de plantas e animais; Educação, Direitos humanos; extensão rural e agroecológica;

Seguimos para nossa primeira visita, Jupi foi o destino, conhecemos o trabalho incrível desenvolvido por Micael Cadete, desde a horta escolar até o RAC - Reuso de Águas Cinzas, criação de tilápia, produção de milho, algumas hortaliças que são usadas como merenda escolar.

Essa imersão podemos viajar no formato presencial para o território dos agrestes pernambucanos. Iniciamos conhecendo uma parte da universidade, a Fazendinha, localizada em Garanhuns/PE, um espaço incrível que despertou muitas ideias de melhorar aquele lugar.

Seguimos o planejamento, conhecemos uma comunidade acompanhada pelo IPA e a REDE SEMEAM que desenvolve um trabalho maravilhoso de resgate e reprodução de sementes crioulas nas comunidades rurais, identificando espécies e construindo bancos de sementes junto às associações. Conhecemos algumas espécies de feijão que nem sonhava que existiam. Fiquei pensando quantas espécies de sementes os grandes senhores do monocultivo já extinguiram ao longo dos tempos? nos coloca a pensar quantas ainda existem? Podemos entender que as



sementes são de forma muito específicas as identidades de cada região, são elas que vão perpetuar a vida, a diversidade, as espécies.

Animados, colocamos os pés na estrada, o destino; Assentamento Normandia, Caruaru - PE, conhecer um pouco dos processos organizativos do Centro de Formação Paulo Freire, localizado dentro do Assentamento. Nossa tarefa foi a construção de um relógio cósmico, uma forma de relógio a partir de várias espécies de plantas medicinais. A construção do relógio foi resultado de uma das temáticas trabalhadas ao longo do período. Esse momento também nos proporcionou conhecer a segunda turma do BACEP, que até então só conhecíamos virtualmente.

Outro momento não menos importante podemos conhecer o Sítio Alcobaça, em Buíque/PE, a casa de Anna Guilhermina e Raul Brainer, coletivamente construímos um SAF forrageiro.

Já no sexto período com o eixo **Planejamento e Atuação no Etnoagroecossistema**, tivemos as seguintes temáticas: Manejo de etnoagroecossistemas; uso múltiplo da floresta; gestão de água nos territórios camponeses; Sistematização de experiências, gestão de resíduos, libras.

Conhecendo os Sertões do Araripe e Pajeú, a primeira parada é no **Sítio Lagoa Comprida, sertão do Araripe, interior de Ouricuri – PE**. Lena e Barrinho são anfitriões. A família é composta por cinco pessoas, os pais e três filhos (Gabriel, Guilherme e Mateus). A produção é familiar e todos desenvolvem as várias atividades. A propriedade é diversa, distribuída em algumas áreas de Sistema Agroflorestal – SAF, área de produção, pastejo de animais (bovino e caprino), área de criação de aves e uma pocilga artesanal, e criação de abelhas, e viveiro de mudas. Uma das fontes financeiras que a família descreve é que promovem o beneficiamento de alguns produtos animais e vegetais, produção de queijo, geleia, doce de leite e de frutas.

O SAF tem a função estratégica de permanência da família no campo, pensando no processo de uso de madeireiros e silvicultura, ele desencadeia as estratégias de organização da alimentação familiar e animal e também de se manter. A produção de folhagem como suporte forrageiro, a produção de estacas para cercar o quintal, a produção de frutas para alimentação familiar, conseqüentemente ser beneficiada quando não conseguem consumir toda produção. A partir dele a família se organiza para as divisões das tarefas de casa e para as tarefas do próprio SAF, as

tomadas de decisões coletivas, a discussão e difusão da divisão social do trabalho, o protagonismo da juventude se propondo a uma outra forma de visão social de camponeses e camponesas na promoção de cuidado com a saúde e permanência no campo.

### **Vista ao território de Exu, Serra dos Paus Dóias, Chapada do Araripe-PE**

De Ouricuri, vamos para Exú, onde visitamos Silvanete e Vilmar Lermen.

A área tem a precipitação de chuva de 1000ml/ano. A água tem profundidade média de 600-800 metros de profundidade. Solos geralmente ácidos, umidade relativa do ar chega a 20% do mês de agosto a meados de novembro, dezembro extremamente seco. A família é acompanhada pela Ong Caatinga e conduzem junto à comunidade a Associação de Agricultores Familiares da Serra dos Pau Dóias – AGRODOIA, que além da função de organizar os agricultores e agricultoras da comunidade também desempenha a função de comercializar algumas produções locais através da bodega da associação. A unidade familiar tem caráter de promover alguns processos de vivência agroecológica para dentro e fora do contexto familiar. No início da produção gerou a descrença sobre o funcionamento do SAF – sistema agroflorestal, na prática essa descrença foi sendo quebrada, a metodologia inicial para implantação foi a muvuca e chuva de sementes, a área fica localizada no processo de recuperação da floresta que sofreu grandes degradações no passado. Esse sistema é composto por diversas espécies de plantas de processos de ciclos, médio: arbustivas, longos: árvores maiores e de grande porte e curtos: hortaliças e temperos.

### **Sertão do Pajeú**

#### **Sítio Santa Rita, Triunfo – PE**

Propriedade de Nazilda e Felícia, Adega: Vinho e Prosa, uma produção a base de frutas, a produção de fermentados é feita com ênfase na agricultura familiar, acompanhadas pelo Centro Sabiá. Felícia, jovem camponesa, quilombola, estudante de biologia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, compõe a Comissão de Jovens Multiplicadores da Agroecologia – CJMA, um dos grandes incentivadores da promoção da Adega. Felícia e Nazilda explicam que o processo de fermentação das frutas é relativamente simples, porém demorado. É uma experiência muito rica, o protagonismo feminino camponês sobressaindo sobre o patriarcado capitalista. A

visita também nos ensinou sobre a estrutura da sociedade, e como os processos podem nos influenciar a sermos fortes e trazer as histórias ancestrais dentro da dialética cotidiana.

A adega Vinhos e Prosas é situado dentro da rota do turismo rural favorecendo a divulgação dos produtos apresentados pela loja, a diversidade produtiva é extensa, além dos vinhos e fermentados que a loja disponibiliza, comercializa também produtos dos agricultores nas proximidades e cidades vizinhas (geleia, doces, licores).

De triunfo fomos para **Flores, Sertão do Pajeú – PE** e lá conhecemos a experiência de dona Gerlande e seu Chico. Dona Gerlande que se mobilizou para a construção desse espaço produtivo. Com muito esforço conseguiram através de acompanhamento técnico do Centro Sabiá poderem mapear a área e decidir junto a família implantar a área e outras tecnologias existentes. Hoje, além dos espaços de produção vegetal, a família desenvolve outros espaços de produção, área de criação de suínos, produção de bovino e caprino e criação de aves caipiras, perus, patos e leporídeos. A família também fornece serviço de restaurante, produzindo almoços e quentinhas.

As temáticas que mais chamaram atenção nesses dois períodos foram, no quinto, Processamento e conservação da produção familiar e processos participativos de melhoramento genético de plantas e animais, que me fizeram refletir sobre a importância do excedente da produção, construir formas de aproveitar a intensidade produtiva, como alternativa de beneficiamento e comercialização, e para a temática de melhoramento genético, entender que o mercado não está a favor do pequeno agricultor e que o capital cria sempre novas estratégias para conseguir manter o camponês acorrentado às tecnológicas dele. Entender que podemos construir e/ou formular uma quantidade de ração com o que se tem no quintal é fundamental para a segurança das famílias, quanto a economia, aproveitamento de matéria prima, e assim conseguir manter os espaços produtivos em ciclos.

No sexto período as temáticas em destaque foram manejo de etnoagroecossistemas e uso múltiplo da floresta. Acredito que de muitas formas essas duas temáticas se complementam, mas entender um pouco mais sobre a importância do manejo, para uma área de SAF por exemplo, é indispensável para manter a organização do espaço e manutenção do mesmo, provendo as podas necessárias

nas plantas e promovendo o cuidado com o solo. Outro ponto não menos importante é o uso múltiplo da floresta. Em um trecho do livro *Introdução à filosofia de Marx* (2016) ele diz que, para o homem poder existir, devem transformar constantemente a natureza, sem essa transformação a reprodução da sociedade não seria possível. Por tanto, é preciso entender esse processo de uso, ou modificação da natureza, em muitos aspectos imitar sua reprodução, aprender com ela, construir relações firmes com natureza com o meio ambiente, usar de forma equilibrada essas modificações, estes usos, de forma sustentável.

No sétimo período iniciamos o último eixo formativo do curso, **Planejamento e Ação no Etnoagroecossistema** onde estudamos as seguintes temáticas: Aplicação de metodologias de avaliação e análises de sustentabilidade; Sistematização de Experiências; Tópicos especiais – agroecologia III e ou IV, Estágio Curricular Obrigatório I. A imersão foi realizada em Recife e sua região metropolitana.

Começamos nossa imersão, numa comunidade que contraria os processos sociais naturalizados, a Comunidade ou Favela como se denominam os moradores, Comunidade do Entra Apulso, um lugar que carrega resistência e cultura nas paredes dos seus prédios, canteiros de plantas espalhados por toda parte, fazem desse lugar uma proposta de relação com a natureza em meio a floresta de pedras. Conhecemos um projeto de fabricação de sabão assessorado pelo Coletivo Kapi'Wara consorciado com outro projeto de composteira de caixa. Esses projetos consolidam atividades que envolvem a juventude da comunidade, por mais estranho que pareça, é um projeto que tem financiamento do Shopping Recife. Em seguida conhecemos um pouco ou um muito do trabalho do SERTA na Comunidade Alto do Zé do Pinho, onde o Estudante Gilberto Manoel vem acompanhando o projeto desenvolvido pelo SERTA, implantação de hortas urbanas, hortas suspensas, que vem espalhando conhecimento e saúde dentro da comunidade. Em relatos dos moradores entrevistados durante a visita podemos constatar a alegria em falar do projeto, de como aquela ação mudou sua vida pra melhor. A ação, além de proporcionar qualidade de vida para as famílias envolvidas, ainda promove o embelezamento dos espaços, nas casas, na rua.

Dando sequência, visitamos a Comunidade Ilha de Deus, conhecemos o espaço produtivo de Josildo, conhecido como Jó. A chegada até o espaço é através

de um monumento histórico da comunidade, conhecido como a Ponte das Mulheres, onde se faz a travessia pela Ponte Vitória das Mulheres. A comunidade é cercada pelos rios Jordão, Tejió e Pina, localizada entre Imbiribeira e Pina é provavelmente um dos maiores manguezais urbanos do Recife. A comunidade é habitada por pescadores/as, hoje é um ponto turístico, porém na década de 1980 o abandono social fez da comunidade um esconderijo de criminosos, alavancando o índice de violência no local, o que fez reverter o quadro foram os projetos sociais e revitalização ambiental incentivados e iniciados pelas lideranças comunitárias na sua grande parte mulheres pretas, um exemplo é a própria Ponte, outro é a associação cultural comunitária. Jó nos relata os processos de produção de camarão e como sua família consegue sobreviver, ele iniciou um projeto próprio de reflorestar o espaço da comunidade e vem desenvolvendo junto com sua família e amigos, tivemos a felicidade de conhecer um pouco de sua produção de camarão e degustar do bobo de camarão no almoço.

Conhecendo o Sítio Progresso, a residência do poeta Benoni Codácio, nosso colega de turma, acredito que essa foi uma das visitas mais esperadas da turma, tivemos a graça de se deliciar com um banquete preparado pela família de Benoni, em seguida fomos conhecer o espaço produtivo. O lugar tem uma enorme diversidade de plantas, frutíferas e nativas, uma área de SAF onde cultivam macaxeira, inhame, feijão, milho, cana e capim, outra área com abacaxi, macaxeira, café e outras variedades de plantas. Uma mandala com cultivo de folhosas, hortaliças, plantas medicinais e ao centro um pequeno galinheiro. O espaço faz fronteira com uma área de reserva, Benoni nos conta sobre o processo de reunir a família para desenvolver atividades no SAF e que tem avançado nesse processo, ele junto com o irmão desenvolve uma atividade de preservação e cuidado com abelhas sem ferrão.

Finalmente fomos visitar o Alto da Conquista - Olinda/PE, conhecemos um sítio onde o estudante Gilson José tem desenvolvido algumas atividades práticas de manejo de solo e produção de SAF. O lugar é místico e cheio de encantamento, passamos em torno do espaço e conhecemos um pouco da história, cada lugar é uma espécie de templo de um orixá, as frutíferas são plantadas com os princípios de agradar cada um/a, assim como as plantas de decoração.

Nesse período ocorreu o Estágio Supervisionado Obrigatório ESO I. Escolhi a Comissão Pastoral da Terra como espaço para esta etapa. Para tanto demos

andamento a um projeto que estava em execução. Durante o período foram implementadas algumas unidades de SAF nas áreas de assentamento da reforma agrária. Esta experiência teve a educação popular como fundamento para os diálogos com as associações, e o estágio aconteceu em conjunto com o técnico Benoni Codácio e Maria José, que fazem parte do quadro técnico da CPT. Cabe destacar que juntos conseguimos fazer importantes mobilizações nas áreas. Os SAFs implantados dialogaram com as necessidades das famílias, visando atender as demandas das pessoas, mas também dos animais. Por isso os SAFs foram divididos em dois segmentos, produção de alimentos para família e possível comercialização e, produção para alimentação animal.

No oitavo período trabalhamos o eixo formativo **Sistematização no Etnoagroecossistema**. Seminários de reflexões de projetos interdisciplinares de Construção do Conhecimento (PICC); Sistematização de Experiências; Diálogos sobre agroecologia. Tópicos especiais – agroecologia V e VI, Estágio Curricular Obrigatório II.

Nessa etapa conclui mais uma etapa de estágio, o ESSO II. Nessa experiência meu estágio foi na COOAP - Cooperativa de Produção Agroindustrialização e Comercialização dos Assentamentos de Reforma Agrária da Região do Mato Grande e Grande Natal. Essa é uma cooperativa do MST no Rio Grande do Norte. As atividades desenvolvidas foram de acompanhamento da produção do SAF, acompanhamento da entrega e distribuição de alimentos através PAA, PNAE e distribuição de compras simultâneas em hospitais da Grande Natal. Outro ponto foi trabalhar o planejamento do Centro de Formação Patativa do Assaré, que incluiu organizar calendário de atividades junto a coordenação do Centro, e por fim, a construção de projeto de ATES para acompanhar as áreas de assentamento fundadas pelo movimento.

Como aprendizado, podemos destacar como o MST se organiza quanto cooperativa para aquisição da produção das áreas dos assentamentos do Mato Grande.

Como temas para aprofundamento, selecionei duas questões bem específicas que espelham minha trajetória nesse processo acadêmico, e que refletiram no projeto

de ESO I e II. A primeira é o debate entre **Agroecologia e Reforma Agrária** como parte da trajetória do MST na construção de sua identidade, fundada na luta pela terra fortalecendo a construção de identidades de sujeitos e sujeitas em processos de luta e organização social. A segunda vincula a **Agroecologia ao cooperativismo**, enxergando esta interface fundamental, tanto para a produção, em diferentes escalas, como para a circulação de alimentos de qualidade, no campo e na cidade.

### **Agroecologia e Reforma Agrária**

O Movimento nasce pela necessidade da organização política do povo camponês. A princípio e mais adiante foi se percebendo a necessidade de organizar a população periférica urbana em consonância com discurso da construção da reforma agrária, entretanto, com as muitas mudanças dos cenários políticos, sociais e econômicos o movimento precisou se reinventar para modificar a construção da base ideológica dos assentamentos e acampamentos.

A construção de relações políticas com partidos (PT) que por vez tem a vertente de surgimento, a partir das igrejas e CEBs, CPT e outros movimentos sociais foram importantes para erguer esse alicerce. Em 2000 no IV congresso, o movimento adota a política de Projeto Popular Reforma Agrária e matriz Agroecologia como novo modelo de produção do MST, surge como fundamento de base estratégica para fomentar o diálogo mais profundo a respeito da reforma agrária popular no viés governamental e de forma construir outras frentes políticas a partir desse movimento, o surgimento da Via Campesina é um deles, implantação e ampliação do ITERRA - Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária dispondo de cursos técnico de nível médio e superior surge como ferramenta social de difusão desse método, A Escola Latino-americana de Agroecologia, no Paraná, e recentemente a escola Popular de Agroecologia Egídio Bueno, são exemplos de como o movimento se reinventa a partir do discurso e prática da agroecologia, estruturando a base, trazendo a agroecologia como instrumento educacional do povo.

A partir desse conceito político elaborar entender a agroecologia como uma das bandeiras principais da luta pela terra, da luta pela reforma agrária. Dessa forma elaborar a partir desse projeto novas formas de organicidade e estruturação dos assentamentos e acampamentos, pensar na proposta de criação, produção,

organização das mulheres e jovens, construindo espaços produtivos, bosques, viveiros de mudas, plantar árvores, reflorestar os ambientes dos acampamentos e assentamentos, produzir alimentos para dentro e fora dos espaços do acampamento e assentamento, ocupar mercados governamentais, institucionais.

A agroecologia surge para o MST como respostas aos violentos ataques que o latifúndio promove ao meio ambiente e à sociedade, quebrando a lógica industrial que serve ao grande capital que aprisionam o homem e mulher do campo as formas tecnicistas ultrapassadas de pacotes de veneno e acúmulo de terra improdutivas, dessa forma a estruturação do movimento implementado a agroecologia como fundamento e prática se forma como contradição as agressões impostas pelo latifúndio.

Um dos maiores entraves que a luta pela terra encontra é a regularidade da área ocupada. Mesmo após anos debaixo da lona preta, em barracas às margens das BRs os processos burocráticos e judiciais impostos pelo PNRA - Programa Nacional de Reforma Agrária, o ocupante deve ter critérios de elegibilidade na reforma agrária, assumir os débitos que porventura o antigo beneficiário tenha contraído perante o INCRA: não ser funcionário em cargo público, não possuir propriedade rural que atendam as demandas de subsistência da família, além de não existir candidatos em lista de excedentes para o lote, esses critérios devem configurar o perfil social atendido pela família que deseje concorrer a vaga do lote em questão.

A terra conquistada por meio da criação de assentamentos rurais representa “novas formas de luta, de quem já lutou ou de quem resolveu lutar pelo direito à terra livre e ao trabalho liberto” (OLIVEIRA, 2007, p. 137). Representa também o ato de desconcentração da propriedade privada (MARTINS, 1999), quando esta não atende aos princípios legais retratados pela função social da terra

A agroecologia hoje é uma ferramenta pedagógica, com força motriz capaz de mudar a realidade das famílias acampadas e assentadas pelo programa de reforma agrária popular. Ela tem direcionado as muitas formas de relações na construção de uma nova sociedade possível, em comunhão com o bem-viver. Pensar na ideia de revolução a partir do eixo da agroecologia é também dimensionar essa força para a comercialização da produção.



## **Agroecologia e Cooperativismos**

Nessa ideia de precisar se reinventar, o MST tem feito isso com muita maestria. A criação de cooperativas que atendam as demandas de oferecer alimentos de qualidade para o mercado governamental, qualificando a merenda escolar, alimentação em outros setores, hospitais, penitenciárias através de políticas públicas, como PAA e PNA, é central nessa estratégia. Essas experiências, valorizam a produção dos/as camponeses/as acampados/as e assentado/as, diversificação de alimentos de qualidade, valorizando os preços dos produtos, qualificando as áreas ocupadas. Trabalhar sob os fundamentos da agroecologia na fundação de cooperativas que atendam os critérios capazes de inserir a produção nos eixos de comercialização institucional, governamental e feiras agroecológicas dos municípios, fortalecendo a luta das companheiras, juventudes e populações LGBTQIA+, na construção da autonomia produtiva, torna-se histórico e transformador, para a construção de outra sociedade.

É importante ainda o MST incidir politicamente na formulação de políticas públicas específicas que agreguem valor monetário aos serviços, potencializando, desse modo, uma nova perspectiva de convivência nos territórios, diminuindo o êxodo rural, intensificando as lutas, ocupando e transformando os territórios da reforma agrária.

### **3 CONCLUSÃO**

A formação no curso de Bacharelado em Agroecologia, abre leques de atuação dentro de espaços políticos e pedagógicos, ou ainda de pesquisas voltadas para as Ciências Agrárias e outros campos científicos. Essas possibilidades de atuação fundam-se num acúmulo de quatro anos, que culmina nos qualificando para agir no quadro de militância, de diferentes organizações e movimentos, mas também nos qualificando para desenvolver práticas voltadas para produção, em SAFs, hortas, bem como a produção animal. Tais práticas inspiram-se nos fundamentos da educação popular e educação contextualizada, que nos ensinam a olhar o contexto, e agir coletivamente com os sujeitos do território, fazer juntos/as, aprender juntos/as. Meu caminho até aqui me fortaleceu, aumentou minhas crenças, nos aprofundamos no sentido da palavra agroecologia, entendo seu conceito para além do processo produtivo, construindo relações que nos prepara para as experiências da vida, em

diferentes oportunidades de trabalho, seja nos movimentos sociais, ou na prática de vida pessoal.

Vivenciar cada imersão, absorver o conhecimento que cada território carrega, fortalece o nosso entusiasmo dentro dos processos educativos em agroecologia e nos traz a certeza de ter trilhado o caminho certo. Aqui começa a verdadeira jornada agroecológica, entendi que esse era o caminho pelas muitas certezas que vivenciei no percurso desse processo, quando meu pai resolveu me ouvir e iniciar o processo de transição agroecológica, quando ouvi da minha mãe dizer pra vizinha que podia comer os coentros sem medo que não tinha veneno, ou quando os assentados se reuniram para organizar um plano de reestruturação do SAF para aprender agroecologia.

Por fim, entender que a agroecologia é um caminho sem volta e que os meios muitas vezes justificam os fins, nos tornamos resultados desses meios, desses ajuntamentos de tantas experiências. Que essa força cósmica, ancestral que é implantada internamente, para depois ir aflorando de dentro pra fora, te modificando, e fazendo entender que a relação profunda com natureza é o caminho, essa relação é o elo do conhecimento. Porém entender que a luta do movimento agroecológico é coletiva, indígena, preta, sem-terra e chegar ao fim desse ciclo eu entendo que é apenas o começo, ainda precisa derrubar muitas cercas, ocupar outros espaços e estender a bandeira da agroecologia dentro da sociedade.

Como diz a canção do companheiro Zé Pinto: “Amar a terra e nela botar semente, a gente cultiva ela e ela cultiva a gente”!

#### 4 REFERÊNCIAS

ALIAGA, Luciana; MARANHO, Fernanda. ESPAÇO TEMÁTICO: TERRA, TERRITÓRIO E AMÉRICA LATINA. MST e a agroecologia: entre autonomia e subalternidade, [S. l.], p. 576 - 584, 16 jul. 2021.

BORSATTO, Ricardo Serra; CARMO, Maristela Simões. A Construção do Discurso Agroecológico no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). A Construção do Discurso Agroecológico no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. [S. l.], p. 644- 660, 15 fev. 2014.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. Introdução à filosofia de Marx: a relação do homem com a natureza: o trabalho. *In*: INTRODUÇÃO à filosofia de Marx. 2º. ed. São Paulo -SP: Expressão Popular, 10/12/2011. cap. Capítulo II, p. 17 - 24.

SANTANA, José Ubiratan; GERVAIS, Ana Maria Dubeux; MATTOS, Jorge Luiz Schirmer. Dinâmica dos Territórios Camponeses em Alagoas: a articulação de famílias assentadas para ampliar a Agroecologia em áreas de reforma agrária. Dinâmica dos Territórios Camponeses em Alagoas: a articulação de famílias assentadas para ampliar a Agroecologia em áreas de reforma agrária, [S. l.], p. 01- 12, 20 dez. 2021.

WANDERLEY, Maria de Nazareth. RAÍZES HISTÓRICAS DO CAMPESINATO BRASILEIRO. XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. GT 17. PROCESSOS SOCIAIS AGRÁRIOS, [S. l.], p. 2-14, 26 ago. 2016.